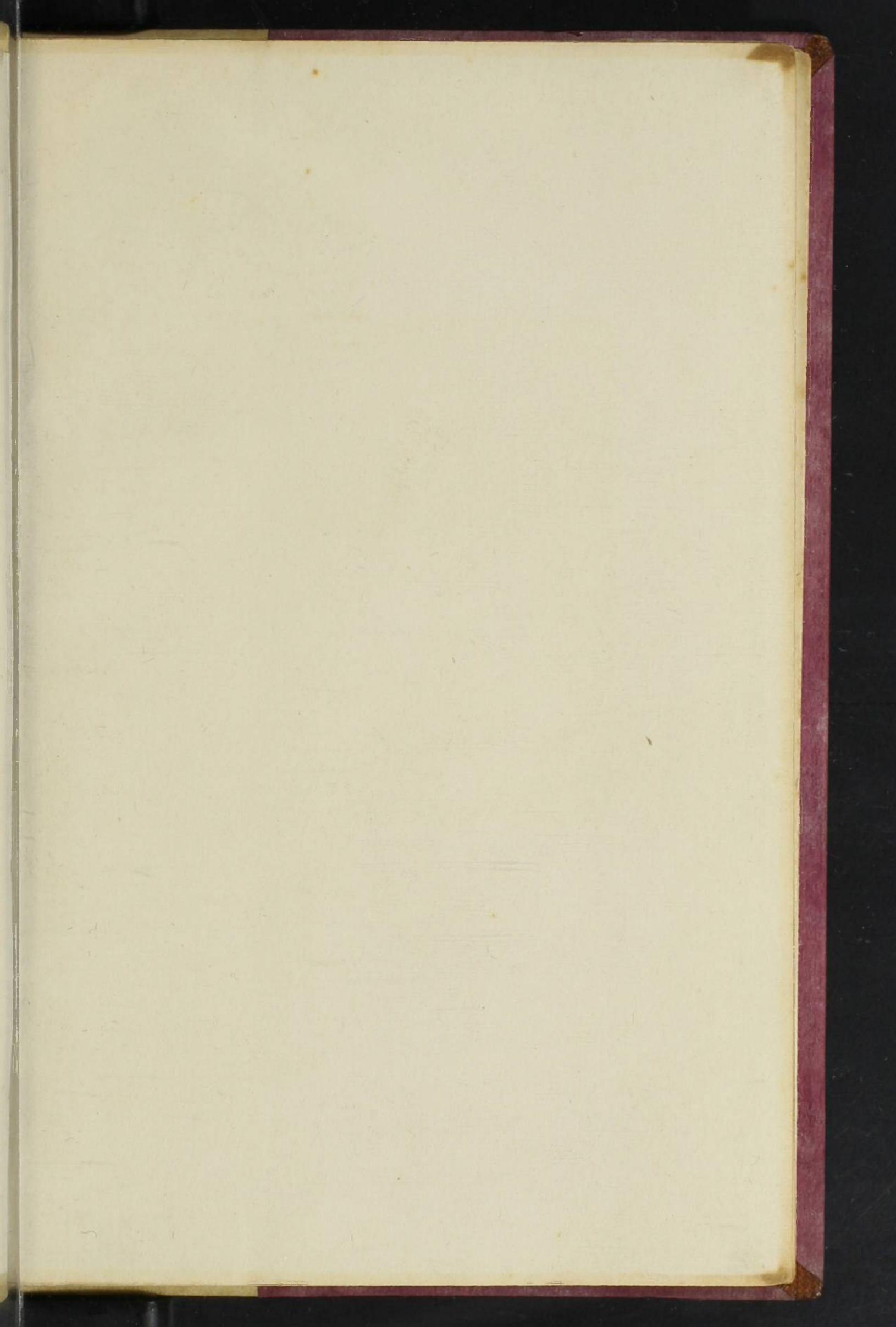


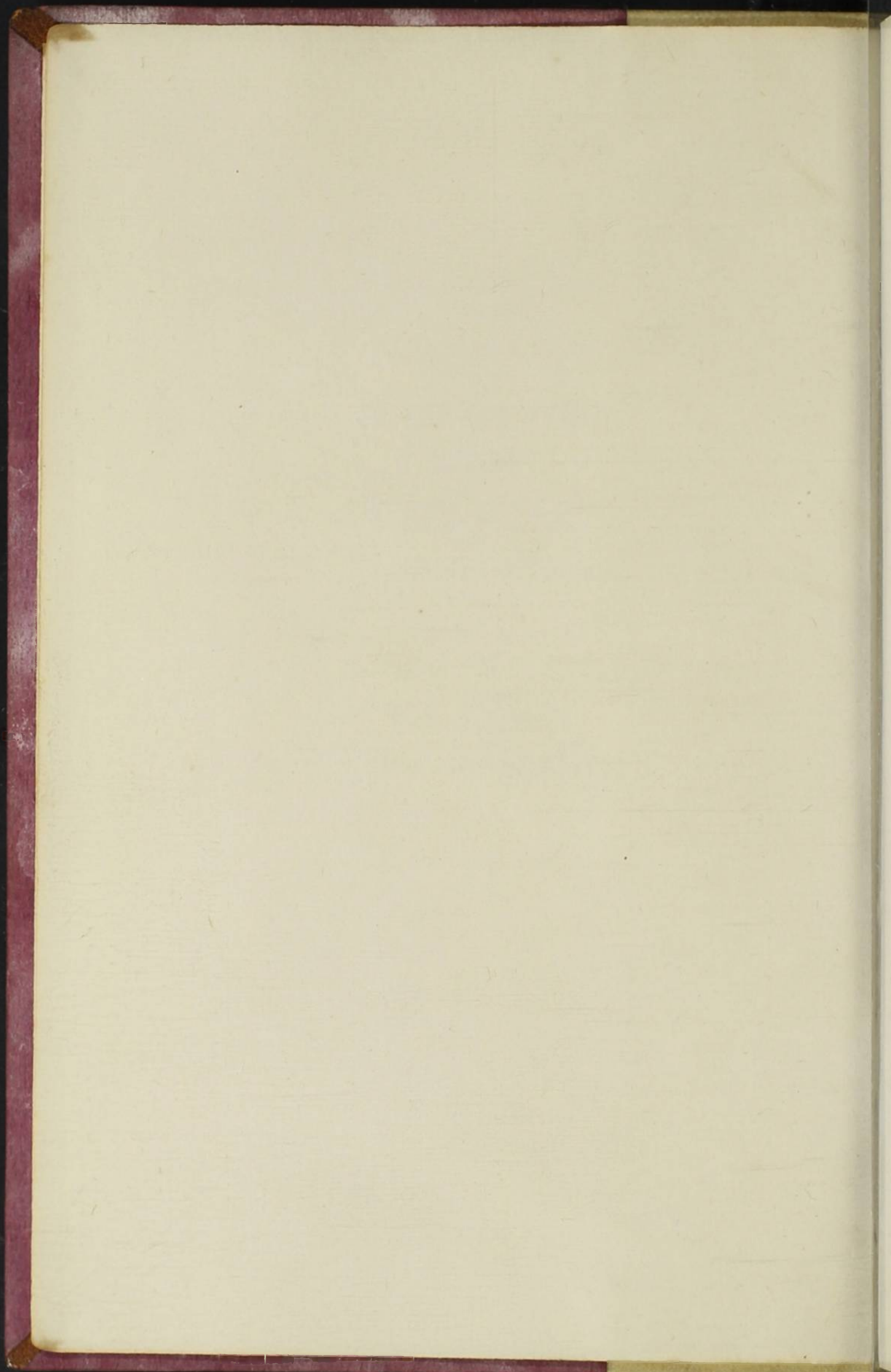
Je ne fay rien
sans

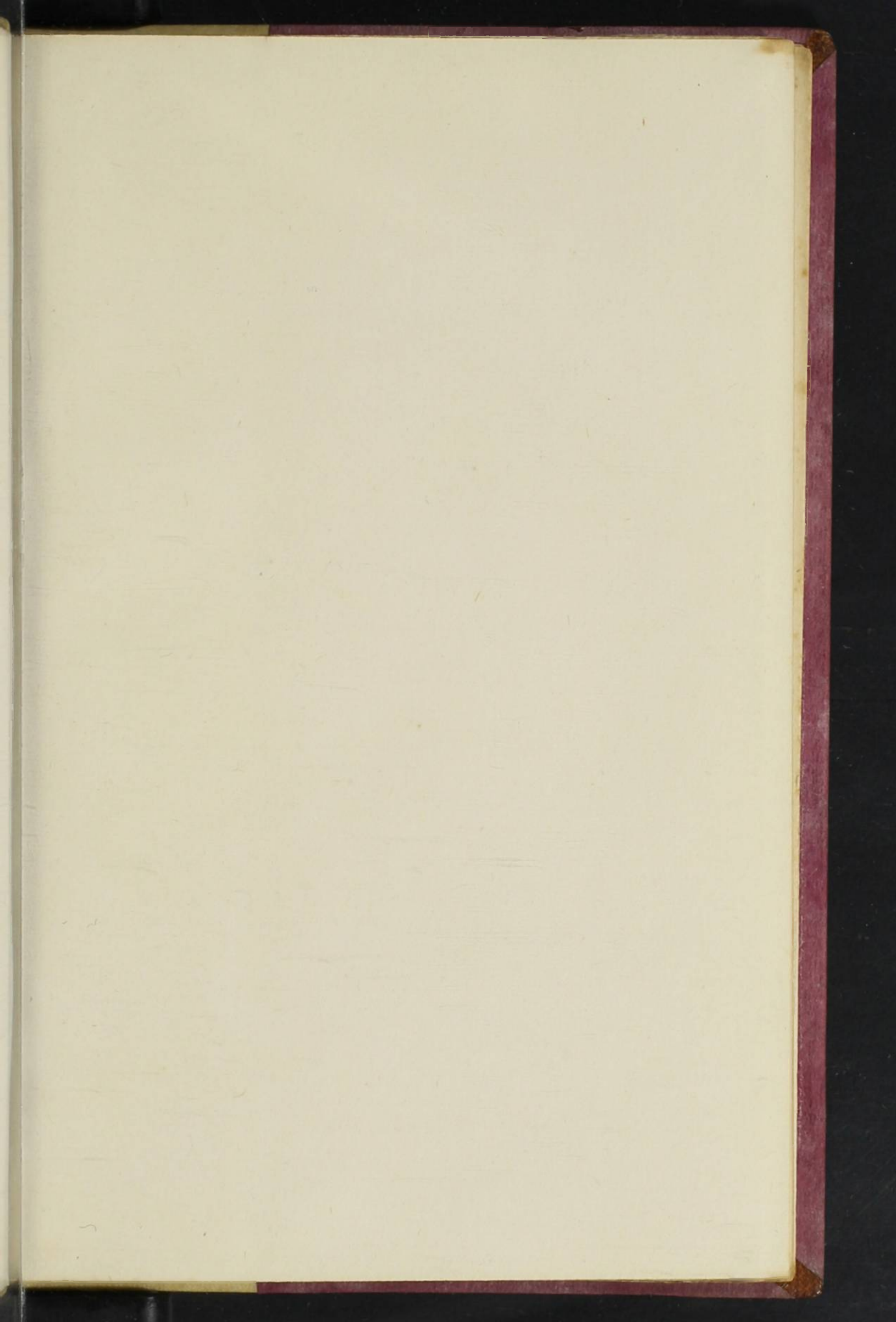
Gayeté

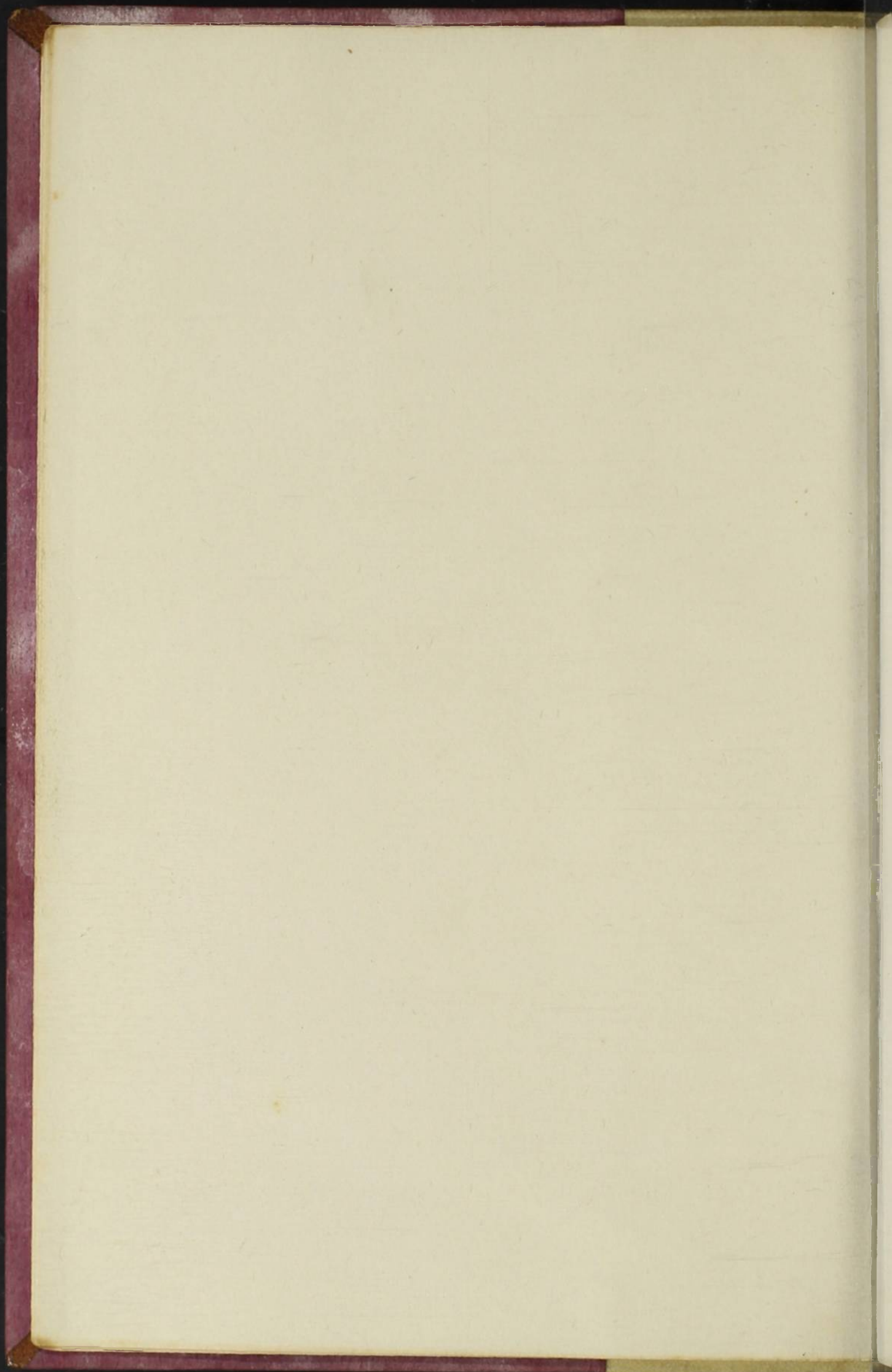
(Montaigne, Des livres)

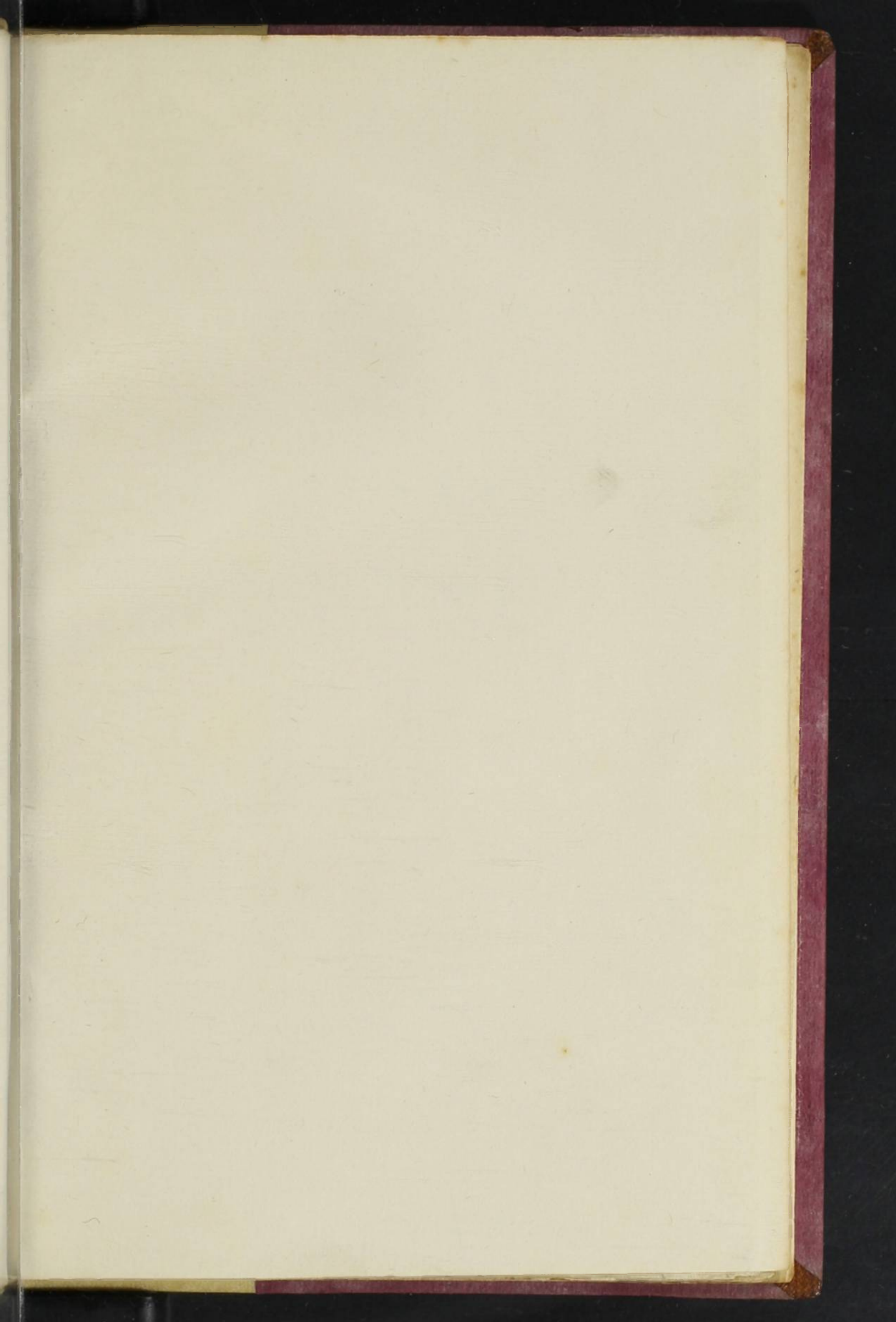
Ex Libris
José Mindlin

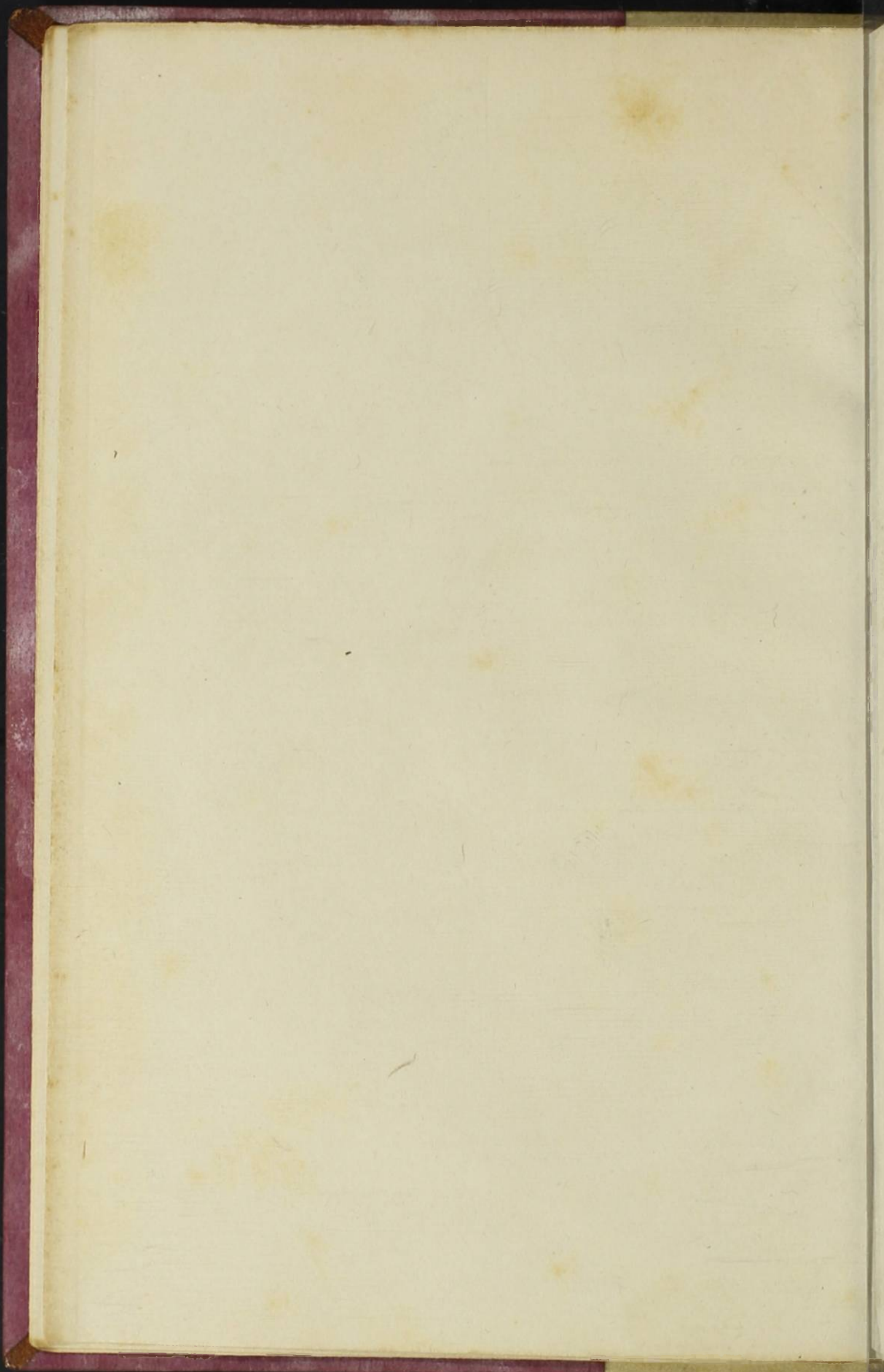












REINO

DA ESTUPIDEZ,

POEMA.

1870

ORDER

BY ESTABLISHMENT

1861

**REINO
DA ESTUPIDEZ,**

POEMA.

POR

FRANCISCO DE MELLO FRAYCO

NOVA EDICÇÃO

augmentada com uma breve noticia da vida do Auctor

BARCELLOS

Typ. da *Aurora do Cavado*

1868

HERINO

DA ESTUPIDES

LORETT

THE

OF THE

OF THE

OF THE

OF THE

OF THE

1808

NOTICIA SOBRE O AUCTOR

FRANCISCO de Mello Franco nasceu a 15 de Setembro de 1757 em Paracutú, na Provincia de Minas Geraes, Imperio do Brazil.

Ainda que de medioere fortuna, e com uma numerosa familia a sustentar, seus Paes, metteram-o no Seminario de S. Joaquin no Rio de Janeiro, onde começou os seus estudos, que depois proseguiu, dedicando-se á medicina, em Lisboa e Coimbra, onde se fez conhecido pela sua applicação. O seu zelo porém arrastou-o a criticar a ignorancia de alguns professores, e as doutrinas scolasticas que então reinavam, o que lhe suscitou inimigos poderosos, que o denunciaram á Inquisição como um *livre pensader*. Foi preso e por quatro annos gemeu nos carcerees d'este terrivel tribunal.

Os males que ahí soffreu, fizeram d'elle, como de Cervantes e tantos outros, um poeta.

Expressiu Mello Franco as suas queixas contra a injustiça humana e as miserias que d'ella são consequencia, nas *Noites sem somno*, em que revela um grande talento, e que mereceram os elogios de Bocage.

Os soffrimentos porém que na Inquisição soffreu, procuraram-lhe uma companheira fiel, pois que uma dama, citada pela Inquisição para depôr contra elle, a isso se recusou constantemente, e foi condemnada á prisão de um anno pela sua desobediencia. Postos ambos em liberdade uniram-se pelos laços matrimoniaes.

Mello Franco pôde então terminar os seus estudos, e tomar o gráu de bacharel em medicina, mas antes de largar a Universidade não pôde fugir á tentação de lhe deixar um adeus satirico em verso.

Escreveu em 15 dias, em collaboração com José Bonifacio de Andrade e Silva um poema heroi-comico—*O reino da estupidez*—em que pintou com as mais vivas côres a ru-

tina universitaria e ridicularisou sobretudo o reitor.

Este poema distribuido por occasião de uma festa da Universidade, causou grande sensação, e motivou até a demissão do reitor e algumas reformas.

Em vão se tentou descobrir então os auctores do—*Reino da Estupidez*—e só muito tempo depois é que Mello Franco d'elle tomou a paternidade, abrindo-se assim um lugar distincto na historia litteraria do Brasil.

O reino da estupidez, ainda que inferior ao *Ilyssope* de Antonio Diniz, na finura e na graça, pertence comtudo ás melhores producções d'este genero, pelo espirito, vivacidade das descripções e elegancia da linguagem.

Mello Franco entregue depois todo á medicina, onde adquiriu uma boa fortuna, e um nome acreditado como escriptor, o que lhe abriu as portas da Academia de Lisboa, não mais se deu á poesia.

Nomeado medico da archiduqueza d'Austria, mulher do Infante D. Pedro, partiu para o Rio de Janeiro em 1817; onde foi

bem recebido pela corte, e Rei da graça do qual decahiu porém pouco depois, quer por intrigas, quer pelas suas ideias liberaes.

A este pesar, de que nunca se recobrou, veio juntar-se o da perda de toda a sua fortuna, na quebra de uma casa em que a havia depositado.

Estas causas e talvez a mudança de clima e de habitos arruinaram-lhe a saude, e em vão proeouro elle recuperal-a com o ar mais puro de S. Paulo.

Voltando ao Rio de Janeiro, n'uma chalupa de remos, sentiu approximar-se-lhe o fim, pedia que o desembarcassem e morreu n'uma cabana a 22 de Julho de 1823.

(Extraido do Brazil Litterario de Fernando Wolf. Póde ler-se tambem sobre Mello Franco os Varões illustres do Brazil do sr. Pereira da Silva, desde pag. 173 a 186 do tomo 2.).

PROLOGO

VAl oh Poema, não digo discorrer, pelo Universo, porque sei que estás escripto em Portuguez, mas ao menos corre as mãos de todos esses que compõem a Universidade. Eu te vaticino desde já uma desgraçada sorte: serás praguejado, e por muitos reduzido a cinzas, que irão até lançar-te no Mondego, como cousa contagiosa. Não esmoreças, que entre esses algum haverá, ainda que poucos, que folguem de vêr a verdade com os seus proprios vestidos: não receies penetrar os mesmos claustros: ahí é que te prognostico os maiores desprezos: soffre com paciencia, que o teu fim é só de fazer vêr a verdade: affirma pois a esses homens, que o teu Autor venera os seus santos Instituidores; que só desejava, que aquelles que se prezão de ser seus filhos, fossem vivas copias suas, porque

então não chegariam a muitas duzias em Portugal. Dize-lhes que o que mais o afflige, é vêr, que os que por voto devem ser pobres, humildes, e castos, são os mais regalados, soberbos, e libidinosos, a quem custa muito cumprir os votos que fazem. Pergunta-lhes, como será possível ver de sangue frio a um Monge, a um pobre de Jesus Christo, robusto, gordo, e capaz de vender saude, ás costas de dois pobres homens pela Couraça dos Apostolos acima até ao Pateo das Artes? Dize-lhes, que bem sabes, que este é o Mestre de Hebraico o Sr. D. João de Tal.

Irás ter ás mãos de muitos, que te censurarem de pouco verdadeiro, porque hoje a Universidade está em seu auge, e esplendor: dir-te-hão, que para dizer tanto é precizo, ou não ter noticia da reforma, ou ser maldizente por officio: a estes taes pede a resolução do seguinte problema. Achava-se um homem nas trevas sepultado no mais profundo somno, rodeavão-no por todos os lados mil perigos, e despenhadeiros; compadecido outro do miseravel esta-

do em que se achava aquelle desgraçado, foi despertal-o para o pôr fóra dos perigos que o cercavão : tinha já o bemfeitor dado alguns passos, mas de repente lhe falta a vista, e fica o infeliz ainda nas trevas acordado sem guia, caminhando de precipio em precipio. Pergunta-lhes pois, quando era mais desgraçado este homem, se no tempo em que estava engolfado no lethargo, se quando se via acordado, só, e nas trevas? Não te causes em fazer-lhes a applicação, que é manifesta ; dize sómente, que o fructo, que d'aqui levão os Legistas, é a pedantaria, a vaidade, e a indisposição de jámais saberem : enfarinhados unicamente em quatro petas de Direito Romano, não sabem nem o Direito Patrio, nem o Publico, nem o das Gentes, nem Politica, nem Commercio, finalmente, nada util. Que os Canonistas sahem d'aqui com o cerebro entumecido com tanto Direito de Graciano, sem critica, sem methodo, engolindo, com alguns verdadeiros, immensos Canones apocryphos, dando ao Papa a torto e a direito poderes, que lhe não competem

por titulo nenhum, e desbulhando os Reis dos que por Direito da Monarchia lhes são devidos. Com estes não te abras mais, e accrescenta só, que é melhor morar em uma casa vazia, do que em uma cheia de trastes velhos, e desconcertados, onde reina a desordem, a confusão, e a immundicia. Deves porém confessar, que a Reforma trouxe á Universidade as Sciencias naturaes, que na verdade tiverão, e tem ainda alguns Mestres dignos de tal nome, mas que estes ficão tão submergidos pela materialidade dos Companheiros, que fazem a maior porção, que para os distinguir é preciso ter vista bem perspicaz; tanto reina ainda aqui mesmo a Estupidez! Adverte em fim, que não reparem em não fazeres menção dos Senhores Theologos, devendo ser os primeiros, porque *ex fructibus eorum cognoscetis eos: S. Matheus Cap. I.*, e invertendo *ex illis cognoscetis fructus eorum*. O Ceo te leve a mãos, que te não dêem logo tyranno garrote antes de seres lido por algum que te propague.

Si Musa velat, facil indignatio versus.

REINO DA ESTUPIDEZ,

POEMA

CANTO PRIMEIRO

NÃO canto aquelle Heróe pio, e valente
Que depois de ter visto a cara Patria
A cinzas reduzida, e campo vasto,
Mil p'rigos contrastando um clima busca,
Aonde com os seus ditoso seja.
A: molle Estupidez cantar pertendo,
Que distante da Europa desterrada
Na Lusitania vem fundar seu Reino:
Dicta-me, oh Musa, que eu não posso tanto,

Os nobres feitos, e diversos easos,
Que a esta grande empresa acompanbárão.
Um feio monstro de cruel figura,
Desgrenhados cabellos, olhos vesgos,
Disforme ventre, circular semblaite
Da lugubre caverna, aonde jazia,
Bocejando sabio, e longo tempo
Nas vizinhas montanhas reparandó,
Estas vozes soltou de magoa cheia :
«He possivel, que sendo venerada
«Em outro tempo pela Europa toda,
«Hoje aqui viva sem dominio, ou mando,
«N'estas brenhas incultas desterrada ?
«He possivel qu'a Deosa, que usurpára
«De Sabia o nome, e ser de Jove filha,
«Dos meus vastos dominios m'expellisse,
«E haja sobre o meu, posto o seu throno !
«Esta inacção quero deixar um dia.
«Não ha de ser assim ; essa tyranna
«Ha de ver uma vez, o quanto posso.»
A fria Estupidez accesa em ira,
Tanto jámais se vio ; ao Reino escuro,
Aonde mora a macilenta Inveja,
Co'a furiosa, e vingadora Raiva,
Quanto lhe soffre a natural iuercia,

Ligeiramente marcha. «Oh fortes Deosas,
«Soluçando lhes diz, se tantas vezes
«Em taes emprezas já me soccorrestes,
«Não podereis deixar tambem agora
«De dar-me a mão em tão afflicto caso.
«A soberba Minerva injustamente
«Depois de meus dominios ter roubado,
«Dominios que na Europa tanto prézo,
«Por cumulo de mal, em feias selvas
«De ninguem habitadas, me desterra.»
O fero coração das negras furias,
Por ser causa commum, enternecerão
Da molle Estupidez as brandas queixas :
«Deixai, amiga Irman, sómente dizem ;
«Vinde tambem connosco, e vingaremos
«Essa injustiça, que te faz Minerva.»
Em si não se fiando, tambem chamão
O duro Fanatismo, a Hypocrisia,
E tu Superstição, que tanto podes
Nas credulas Nações, não os deixaste.
Em forte batalhão todas armadas
Os Elementos turbão : negra nuvem
De mil coriscos prenehe se encaminha
Á parte, donde sopra o frio Noto.
A raivosa cohorte alli se encobre,

Subtis stratagemas alli traça.
Já França se lhes mostra, e destramente
Tomando cada qual sua figura
Para o combate espreitão util meio.
Então o Fanatismo, que tomára
Um ar sizudo, e marcha compassada,
Vendo reinar sómente a Humanidade,
De tristeza, e rancor se despedaça ;
Suas maximas duras assoalha
Já entre o Povo, ou entre a sabia gente.
Em vão he trabalhar (com riso, e mofa
A porção mais sizuda lhe responde)
Mas o povo uma vez entre apupadas
Pelas ruas o corre duramente,
Qual o cão, que damnado se presume.
Da vil Superstição, da Hypocrisia
Mais effeito os trabalhos não produzem ;
Reina a seu pezar a singelleza,
Nos costumes, candura, e san verdade.
Minerva, que o ardil não desconhece,
Nos animos infunde novas luzes ;
Luzes, que dissipando a fusca nevoa
Com que a recta razão manchada fica,
Com proprias cores a verdade pinta.
Da Gallica nação ligeira, e douta,

Mil pragas vomitando, fogem todas.
Iradas ainda mais ligeiras buscão
A Britannica gente: ataques novos
Em conselho alli põem, ferve de novo
Nos bravos corações rancor funesto;
Fulminão tudo, a toda a parte correm.
Mas qu'importa, se a ti, profundo Povo,
Brilhantes apparencias nunca illudem;
Se por entre a verdade, e falso buscas
Manifesta divisa, e só descansas,
Quando das cousas tens a san medulla!
Desesperão d'alli as Furias logo;
Voão, não fogem, d'esta gente clara,
A que intratavel, e ferina chamão.
Vão discorrendo pelo frio Norte,
Aqui, alli, novos combates dando.
A Deosa tutellar vendo com susto,
Que alguns dos seus a vacillar começão,
Que se deixão levar dos vis enganos,
Convoca em continente um gran congresso
D'aquelles que sustentão fortemente
O seu brilkante, e majestoso throno.
«Alumnos meus, mas não, não disse tudo,
(A fallar principia d'esta sorte)
«Amados filhos, que da infancia tenho

«A meus peitos nutrido, e com desvelo,
«A vós, a vossos pais tenho livrado
«Da vil escravidão, em que os tivera
«A frouxa Estupidez já n'outro tempo,
«Sabereis qu'este monstro bafejado
«De muitas Furias, que tornar lhe jurão
«Seus antigos dominios, disfarçado
«Armando laços, entre vós passeia :
«Ao vosso lado noite e dia vélo
«Mas de modo tem sido os seus encontros,
«Que entre vós sinto alguns já titubantes ;
«Que magoa a minha, que pezar não fôra,
«Se em triste captiveiro ainda vos visse,
«Comigo ingratos, para vós tyrannos !
«Ao Leão rugidor, qu'em torno gyra,
«Constantes resistí. As almas fortes
«Com phantasticas fórmãs não sossobirão.
«Qual destro Capitão, que descortina
«Ardilosas ciladas do inimigo,
«Na vossa frente peleijando marche :
«Victoria conseguiu já d'elle a França,
«Outro tanto tem feito a gente Ingleza.»
Com estas vozes tal esforço inspira
Nos vacillantes peitos, que ligados
Um corpo fazem, como nunca, firme.

De novo as Fúrias seus ardis empenhão,
Multiplicação combates, dobrão forças ;
Mas a sabia cohorte a peito aberto
Sem p'riego alcança a vencedora palma.
Qual annoso carvalho, cujos ramos
Tanto procurão as cinzentas nuvens,
Quanto as raizes vão minando a terra,
Despreza immovel a sobeja furia
Dos ventos zunidores, que o combatem :
Vendo sem fructo o seu trabalho as Fúrias,
A certo aceno se congregão todas
Em occulto lugar, aonde só morão
As negras sombras da tristonha noite.
A Raiva então, de cujos vesgos olhos
Scintilla o odio, e a cruel vingança,
Assim ás outras falla em tom irado :
«Será possível, qu'um poder tão forte.
«Qual é o vosso, e qual o meu conheço,
«Em nada pare? que nenhum effeito
«Haja d'estas fadigas resultado?»
Ao lado chora, sem dizer palavra,
Afflieta a Estupidez, e largo espaço
Aguda magoa põe na lingua freio.
Senão quando, depois de feita a venia,
D'este modo começa o Fanatismo :

«A vosso, e meu pezar já tendes visto
«Que suamos em vão ; Minerva impera
«Nos duros peitos d'esta gente infame :
«Deixemos pois estes gelados climas,
«Bem digna habitação de taes cabeças :
«D'aqui fuçamos para o Meio dia,
«Paiz de toda a Europa o mais ditoso :
«Aqui mais resistencia não teremos ;
«O Povo habitador d'este terreno
«A pezar dos passados contratempos
«A meu mando viveo sempre sujeito.
«Não chores, cara Irman ; o teu Imperio,
«Segundo creio, lá verás fundado.
«Fugir, fugir d'esta inimiga terra.»
Todas a uma voz promptas concordão ;
Da fria região logo desertão,
E sobre as azas dos ligeiros ventos
As amenas Hespanhas vão buscando.

CANTO SEGUNDO

ERA alta noite, e o enregelado Inverno
Já começava a sacudir as azas,
Que ao sereno gottejão frio orvalho ;
Dormia tudo, e só nas ermas ruas
Errantes cães ladrando se encontravão :
Foi então que a Lisboa rica, e vasta
Em segredo baixou o bando infame.
Se á soberba Madrid primeiro irião,
Hesitárão, em quanto o Fanatismo
Não decidira, que no Luso Reino,

Como mais certo, começar devião.
Por accordo commum assentão todas
Que aos publicos lugares com disfarce
Ir sem demora devem, p'ra que espreitem,
Que diz o vulgo, que censura o sabio.
Uns, que murmurão no actual governo,
Que louvãõ outros : d'esta sorte podem
Cahir melhor, no que fazer se deve.
Dispersas pelas Praças vão notando
As practicas diversas, a que assistem,
Não só ouvindo, mas tambem seu voto,
Como a bem lhes fazia, declarando.
Não deixão sem visita parte alguma ;
De fórmãs differentes se revestem
Já d'homem, de mulher, de moço, ou velho,
De casquilho, de frade, ou de jarretta,
Segundo julgão, que requer o caso.
N'estas pesquisa muitos dias andão,
Até que chega o desejado instante,
Em que havião proposto, se ajuntassem,
Para em pleno conselho darem conta,
Do que ouvirão dizer, do que fizerão.
Em occulto lugar, que não perturbão,
Nem o tropel dos anafados machos,
Nem das velozes rodas o ruído,

E nem do Povo o barulhado trato,
Lugar, que fica além do claro Tejo,
As vagas sentinellas se congregão.
Duvidão entre si qual d'ellas ha-de
Dar primeiro razão, do que passára :
Da sua parte cada qual recusa ;
Mas n'isto a Raiva impaciente falla.
« Não noteis, companheiras, que eu primeiro
« Tome mão da palavra, serei breve.
« Nem deve para nós haver cerimonia.
« Por mil sitios andei, andei de noite,
« Assisti uma vez a um caso grande :
« Era um Cadette de figura esbelta
« Que dizião ser filho de tal Conde,
« Vestido muito bem de ponto em branco ;
« Uma espada tremenda tinha á cinta,
« Toda de prata sem senão lavrada :
« Para mais casquilhar como soldado,
« Nem da guerra sabia a menor cousa
« Porém de namorar todos os modos
« Manejava melhor que o seu florette,
« Em que muitos progressos tinha feito :
« Na assemblêa passava as noites todas,
« E n'ella com respeito era escutado.
« Assentava com sigo, que nos olhos

«Trazer devia as settas de Cupido,
«Pois para requestar qualquer senhora,
«Não precisava mais, que pôr-lhe a vista.
«Encontra por acaso um velho grave
«Com a sua familia passeando ;
«A uma filha pelo braço tinha,
«Por bella conhecida, e que trazia,
«Havia tempo ao tal Cadette louco.
«Apenas a conhece, em torno gira,
«Um dito solta, e outro disfarçado :
«Na filha, inquietação o velho nota ;
«No mancebo repara, e em seus gracejos ;
«Diz-lhe, que o deixe, que não seja tolo ;
«Que a não serem os annos se vingára.
«Do comprido florette tira logo
«O bravo militar enamorado.
«Quer defender-se o vacillante velho,
«A dois passos porém ferido cahe.
«Acode immensa gente, mas fogoso
«Destroça tudo, e impaciente leva
«Entre o tumulto a aturdida moça.
«No fundo do seu peito o velho geme,
«Ao Ministro se queixa magoado :
«Este ao Fidalgo busca, e de bom modo
«Propõe-lhe, quer ao Pai levar a filha.

«Qual sibillante cobra, cuja cauda
«Pizou o incauto, e frouxo caminhante;
«Assim no militar se accende a ira,
«Descompõe o Ministro, e se não foge,
«Não voltaria, como foi, inteiro.
«Pelo successo espera o Pai afflieto,
«Em resposta o Ministro só lhe torna.
«Amigo, são Fidalgos, tenho feito,
«Da minha parte o que fazer podia :
«Para os pequenos só as leis tem força.
«Folguei de ver esta ousadia, e fogo,
«Que nas outras Nações jámais notára.
«Vi de noite roubar, tambem de dia ;
«Uma forte quadrilha de marujos
«He quem faz por alli maior fachina :
«Nada medo lhe põe, zombão da ronda,
«Que de vis sapateiros é composta,
«E de outros taes, que dormitando levão,
«Por espadas, espetos ferrugentos.
«Isto vi, companheiras, e mil casos,
«Que não refiro, por não ser extensa.»
Logo a Superstição em pé se põe ;
Mas fazendo primeiro mil momiees,
O chão prostrada por tres vezes beija
Outras tantas rosando certas cousas,

Faz sobre o coração quinhentas cruces.
Debaixo da camisa tambem tira
Uma grande almofada, que constava
De muitas orações, muitas reliquias,
Já contra mal feitiços, contra a peste,
E muitas contra a tentação da carne.
Beija, e rebeija o venerando Breve,
E com os olhos para o ceo erguidos,
Com o mesmo se benze immensas vezes.
D'este modo disposta principia
A dar conta fiel do que passára :
«Tão outro Portugal agora vejo,
«Que o mesmo não parece ; quem diria
«Que estas pobres mulheres perseguidas
«Do Dragão Infernal, em pouco tempo,
«Havião de encontrar pelos conventos
«Prompto soccorro a seus crueis tormentos?
«Mal haja esse Judeo, esse tyranno,
«O Paulo de Carvalho, homem ferino,
«Que ás tristes prohibio este remedio.
«Já não é, Camaradas, como d'antes.
«Fui aos Frades Capuchos quarta feira :
«Que cousas lá não vi edificantes ?
«Na Portaria estavam certamente
«Para cima de cem, ou mais mulheres,

«Umas em convulsões, outras zurrando ;
«Cousa má na verdade parecião !
«Appareceo depois um frade idoso,
«Vinha de estolla armado, e pela cara
«Todos dizião que já era um santo.
«Não era d'estes frades, que caprichão
«Em trazer os sapatos de camurça
«Muito amarella, e o calcanhar brunido,
«Que o cabello penteião, que arregação
«O escovado burel, quando passeião.
«Este não era assim; de muito estudo
«Via pouco, seus oculos trazia,
«E cuidava nos habitos tão pouco,
«Que no peito trazia de simonte
«Mui boa quarta, se não fosse arratel.
«Apenas se avistou, umas entrárão
«A fazer-se em pedaços, outras davão
«Horrendos uivos, como cães famintos.
«He dôr do coração ver tal martyrio !
«Suspenso esteve o Frade muito tempo,
«Para todas olhando ; e de repente
«Em profundo silencio ficou tudo.
«N'um livro entrou a lèr, primeiro baixo,
«Mas depois carregando as sobranceilas
«C'uma voz de trovão, e irado lia.

«Aqui é que foi pena... De improviso
«Todas quebrarão o silencio a um tempo ;
«Taes urros, taes bramidos atroarão
«O Claustro todo, que ainda hoje tenho
«De susto o coração como abafado.
«O frade cada vez mais lhes gritava
«Batendo com o pé, que se calassem.
«A muito custo accomodou a bulha ;
«Suspiravão sómente enternecidas,
«Como quem de um combate se livrara.
«O Exorcista já lia em voz mais mansa,
«E benzendo-se tres vezes, só lhes disse,
«Que se fossem na paz de Jesus-Christo.
«Umas a par das outras em fileira
«Pondo em terra o joelho a manga beijão,
«E com grande mesura, se despedem.
«Não pára aqui sómente a caridade
«Do bom Religioso : de outro lado
«Afflictas Mães c'os filhos entre os braços
«Ante os pés do Exorcista os apresentão.
«Umas lhe dizem que crueis lombrigas
«As pobres criancinhas martyrizão,
«Outras lhe pintão os horriveis damnos
«Que aquelles innocentes recebião
«De uma sua vizinha geralmente

«Por bruxa, e feiticeira reputada :
«Promptamente os bënzeo, e com brandura
«Uma pratica breve foi fazendo,
«Que tivessem fé viva ; em fim lhes disse,
«Que do seu santo Padre se lembrassem.
«D'esta longa fadiga descansava
«Já no seu aposento o bom fradinho,
«Quando o Porteiro a toda a pressa o chama.
«Uns poucos de Gallegos carregados
«De prezuntos, peruns, e de bom vinho
«Pelo Padre Exorcista perguntavão.
«A sua caridade isto lhe rende,
«E ser entre os seus Padres respeitado.
«Lisboa já não he, torno a dizer-vos,
«A mesma, que ha dez annos se mostrava:
«É tudo devoção, tudo são terços
«Romarias, novenas, via-sacras.
«Aqui é a nossa terra, aqui veremos
«A nossa cara Irman cobrar seu Reino.»
A fina Hypocrisia é quem se segue.
C'os olhos baixos, macilento rosto,
Longos vestidos de côr parda, e negra
A fazer sua venia se levanta.
Depois, em voz submissa assim começa:
«A cidade corri, e tive o gosto

«De ver por quasi todos praticadas
«As maximas subtis, que lhes prégava.
«No publico passeio, onde concorre
«A mais luzida gente d'esta Côrte
«Uma tarde me achei, e perto estavam
«Quatro sujeitos de figura seria,
«Em quanto alli se via reparando.
«Dizia um d'elles: Vejão bem, amigos,
«Os oucos cascos d'estes dois mancebos ;
«Em lugar de topétes concertados
«Medonbas conchas de revelhos cágados,
«Da injuria do tempo lhes deffendem
«As vaidosas cabeças : os vestidos,
«Se não tem as feições já nos sovacos,
«São vestidos de ginja, e de jarretta.
«No embigo o espadim atravessado ;
«Por calções, hollandezas calças trazem.
«Gemem os pobres pés dentro das tallas
«Dos lustrosos sapatos, carregados
«Do peso enorme das luzentes placas :
«Casquilhar á Malteza a isto chamão.
«Muitos dias não ha, que a moda chefe
«Era o contrario do que vemos hoje.
«O ter de Portuguez o nome indigno,
«He a pena maior, que me atormenta.

«Nomear Portuguez a qualquer homem,
«He fazer-lhe a maior descompostura,
«Que pode proferir a aguda lingua
«D'uma vil regateira enfurecida.
«He chamar-lhe sem duvida macaco,
«Sómente imitador dos vãos caprichos
«Das estranhas Nações, não das virtudes.
«Sem rebuço, é chamar-lhe um ignorante,
«Um confirmado tolo, que não sabe
«Nem artes, nem sciencias, nem commercio.
«Miseravel Nação! Que fielmente
«Os thesouros franqueia aos Estrangeiros
«Por chitas, por sivellas, por volantes,
«E por outras immensas ninharias.—
«Nisto estava inflammado o homem, quando
«O fio lhe cortou aos seus discursos
«O estrondo, que fazião nas calcçadas
«As fumegantes rodas de um carrinho.
«Quatro asseados, e membrudes moços
«Promptos saltando da vermelha taboa
«Ajudão a descer um gordo Bispo,
«Que na Côrte se achava com licença.
«Vinha todo de seda, e do pescoço
«Uma cruz lhe pendia cravejada
«De lucidas saphiras; de brilhantes

«O magestoso anel cegava os olhos,
«E pouco menos as fivellas de oiro.
«O austero censor ficou pasmado
«A mirar o Prelado passeando.
«Depois, com vozes de azedume cheias,
«Para os outros se volta, assim dizendo:
—«Oh costumes, oh tempos primitivos!
«Tempos, em que o Pastor só differia
«Do seu rebanho pelas sans virtudes,
«Pela vida exemplar, com que o guiava!
«Quem o santo Evangelho lê attento,
«Do supremo Pastor quem lê a vida,
«A presença de um Bispo *Petimetre*
«Como pode levar á paciencia?
«Se o venerando Apostolo das gentes
«Aqui apparecesse, poderia
«Por companheiro ter um homem d'estes?
«O grande Paulo, que o enrugado rosto
«Todos os dias de suor banhava,
«E para não servir jámais de peso
«A seus caros Irmãos, antes queria
«Ganhar escasso pão com seu trabalho.
«Santa Religião, tempos ditosos!
«Ou tu não és a mesma, ou teus Ministros
«De Pasteres o nome não merecem.—

«N'esta practica sempre os quatro amigos
«Se forão com a noite retirando.
«Não fiquei do discurso satisfeita.
«A horas, em que o Bispo já dormia,
«Medonha e enormissima figura
«Tomei, e como setta despedida
«A seu rico aposento fui direita.
«Estirado em colchões de branda pluma
«Em profundo silencio repousava :
«Mil divertidos, e agradaveis sonhos
«Ao redor do semblante revoavão :
«Um a bella assemblea das senhoras,
«Outros o Wisth, o bom café pintando.
«Depressa os fiz fugir, e promptamente
«Seu lugar occupando, este discurso
«Em breve lhe intimei com voz horrivel:
—«É possível, que durmas descansado,
«Sem te lembrares do que diz o Povo,
«Do teu modo de vida, do teu fausto?
«Não digo que pratiques fielmente
«As maximas austeras de Evangelho :
«Para teres de santo o nome honroso,
«Não precisas de tanta austeridade.
«Embora te regales, te divirtas,
«Ainda mais se é possível, do que d'antes ;

«Mas n'isto deve haver certa medida.
«Sê embora um velhaco, um libertino,
«Um lobo tragador do teu rebanho ;
«Mas devem outras ser as apparencias :
«De outro modo, serás mal reputado,
«E muita duração os teus prazeres
«Não podem ter se não mudares logo.—
«Do brando leito espavorido salta ;
«Na visão accredita, e volta prestes
«Em menos de oito dias ao Bispado :
«Em modesta liteira então passeia ;
«Aos pobres manda dar todos os dias
«Seu caldo per jantar, e ás terças feiras
«Dez réis a cada um, sendo aleijado.»
Dizendo que occultava muitas cousas,
Acabou de fallar a Hypocrisia.
Tão sómente restava o Fanatismo,
Que tinha sobre todos ascendente,
E d'aquella palestra a Presidencia.
«À vossa exposição (assim começa)
«Com prazer escutei ; tudo promette
«Um exito feliz á nossa empreza.
«Aquelle furioso, e ardente zelo,
«Que em Paris fez correr rios de sangue
«Na celebrada noite dos Francezes,

«Aquelle matador, e fero genio,
«Que os duros Castelhanos animava
«A regar d'Indiano sangue um dia
«O Mexico, e Perú, entre este Povo
«Agora mesmo eu incitar podia.
«Um Inglez, um Genticio, um Mahometano,
«Se as leis civis o não vedassem tanto,
«Com a mesma presteza assassinades
«Aqui serião, como a um cão se mata;
«Pois por alma de cão qualquer é tido,
«Que a Santa fé de Roma não professa.
«Agora pois só resta qu'assentemos,
«Se deve ser aqui, ou em Coimbra,
«A nossa cara Irman enthronisada.
«N'esta Côrte, annos ha, se tem fundado,
«Uma cousa chamada Academia:
«Mas isto quanto a mim sem differença
«É um corpo sem alma, que não pode
«Produzir acção propria, ou um phantasma,
«Que em bem poucos minutos se dissipa.
«O meu voto he que vamos demandando
«O mesmo assento, d'onde foi lançada
«A mansa Estupidez injustamente.
«Cobrar novos esferços é preciso;
«Que por fim a victoria está segura.»

Todas em uma voz n'isto concordão.
Entre tanto saltava de contente
A molle Estupidez, com taes risadas,
Que nos montes visinhos retumbavão.



CANTO TERCEIRO

DO fertil Portugal quasi no centro
A vistosa Coimbra está fundada ;
Pelo cume soberbo de alto monte,
E pelas fraldas, que o Poente avistão,
Vai-se ao longo estendendo, até que chega
A beber do Mondego as mansas aguas.
Defronte outra montanha senhoreia
A liquida corrente dividida
De longa Ponte pelos grossos arcos.
Apraziveis campinas, ferteis valles

Do crystallino rio retalhados,
Em tórno a cercão, aos habitantes dando
Os mais bellos passeios do Universo.
Da fronteira montanha, que dominão
Dois famosos conventos, se disfruta
A linda perspectiva da Cidade,
Que tem tanto de bella, quanto é dentro
Immunda, irregular, e mal calçada.
A terra é pobre, é falta de commercio,
O Povo habitador é gente infame,
Avarenta, sem fé, sem probidade,
Inimiga cruel dos Estudantes,
Mas amiga das suas pobres bolsas.
Aqui de muito tempo está fundada
A nobre Academia Luzitana.
O monstro, que é dotado de cem olhos,
Que ao longe avista os mais pequenos vultos
Que de baixo do tecto o mais forrado,
Nada se passa sem lhe ser notorio;
O monstro, que por outras tantas boccas,
Quanto sabe, e não sabe, põe patente,
Aqui em altas vozes apregoa,
Que vem a Estupidez em breve tempo
Seus dominios cobrar, seu diadema,
Armada de terrivel companhia.

Na minha phantasia accende, oh Musa,
Um fogo vivo; põe na minha lingua
Expressivas palavras com que piate
As proezas, que vou dizer agora.
A Academica gente alvoroçada
Não pensa, não conversa n'outra cousa;
Em quasi todos geralmente reina
Excessiva alegria, e nos conventos,
De que consta a Cidade em grande parte,
Mandão os Guardiães, que os refeitorios,
De mais vinho, e prezunto se reenchão.
Da Universidade o grande Chefe
Um Claustro universal convoca logo,
Para que em pleno consêlho votem todos,
O que deve fazer-se n'este caso.
Em comprido salão, cujas paredes
Ricamente compostas tem em ordem
Dos Lusitanos Reis proprios retratos,
Em soberba Cadeira se apresenta
O Reitor, e por um, e outro lado
Os Lentes, e Doutores assentados,
Segundo o vão capricho e destinára,
A dar o seu par'cer s'apromptão todos.
Tira n'isto o barrete o Presidente,
E ao Lente Primaz de Theologia

Acena, que comece; logo feita
Ao congresso em geral submissa venia,
O seu voto profere n'estes termos:
«Muito Illustres, e sabios Academicos;
«Por direito Divino, e por Humano,
«Creio, que deve ser restituída
«Á grande Estupidez a dignidade
«Que n'esta Academia gozou sempre.
«Bem sabeis, quão sagrados os direitos
«Da antiguidade são: por elles somos
«Ao lugar, que occupamos, elevados.
«Occulta vos não é a violencia,
«Com que foi d'esta posse desbulhada.
«Vós testemunhas sois dos sentimentos
«Com que a vimos partir tão desprezada:
«Porém sempre, a pezar do seu desterro,
«Constante tributei dentro em meu peito
«Homenagens devidas, á que fôra
«Na minha infancia carinhosa Mestra,
«E na velhice singular Patrona.
«Entrai pois, companheiros, em vés mesmos,
«Ponderai sem paixão, para que serve
«As pestanas queimar sobre os Autores,
«A estimavel saude arruinando?
«P'ra levar este tempo em bom socego,

«Divertir, e passar alegremente
«Acaso precisas de mais sciencia?
«Se os dias d'esta breve, e curta vida
«Tivessemos c'os livros perturbado,
«Teriamos acaso mais prebendas,
«Mais dinheiro, mais honra, mais estima?
«De que podem servir estes estudos
«Que mais da moda se cultivão hoje?
«A barb'ra geometria tão gabada,
«Que mil proposições todas hereticas
«Aqui faz ensinar publicamente,
«Sabeis para que presta n'este mundo?
«Diga-o a Inquisição, e mais não digo.
«Oh gothicos estudos nunca ouvidos,
«Nos tempos, em que tanto florescia
«Um Ceara, maior do que o seu nome,
«Um Pupillo, um Fr. Paulo de São Mauro,
«Que sempre chorarão os Frades Bentos!
«Historias Naturaes, Phoronomias,
«Chymicas, Anatomias, e outros nomes,
«Difficeis de reter, são as sciencias,
«Que vierão trazer os Estrangeiros.
«Ha cousa mais cruel, mais deshumana
«Mais contraria á razão, que ver os Medicos
«Um cadaver humano espatifando,

«Um corpo, que habitou o Esp'rito santo?
«Nunca tal praticastes, oh bom Lopes,
«Quando pelo Natal em um carneiro
«O bofe, o coração, as tripas todas
«A teus habeis discipulos mostravas.
«Quem pode sem desprezo ver um Lente,
«De immensos Estudantes rodeado,
«Pelos campos vagar, alli colhendo,
«Uma hervinha, uma flôr, um gafanhoto?
«Acolá e'um fuzil ferindo as pedras?
«Deixemos pois um dia, oh sabia gente,
«Estes prestigios, que nos tem cegado,
«Ponhamos como d'antes estas cousas
«Em seu antigo ser: como bons filhos
«Recebamos a nossa Protectora:
«O que foi sempre seu, em paz governe.»
Qual sussurrante enxame, que em tumulto,
Segue a vereda, que seguiu a Mestra,
Assim dos Frades todos, e dos Becas
Seguiu a turba o explanado voto.
Algun d'estes talvez quizesse oppor-se;
Mas de um Collega refutar os ditos
Da honra do Collegio é menoscabo,
A porção principal tinha votado,
Faltava a outra, que em desprezo é tida:

Lentes de Capa e Espada são chamados,
Que aos Collegios não tem algum accesso,
Nem recolhem da Igreja os doces fructos.

Pelo mesmo teor votárão muitos ;
Mas chegando a Tircêo (*) homem singello
Que seus dias consome sobre os livros
Contemplando a profunda Natureza,
Os longos cumprimentos põe de parte,
E com voz resoluta assim começa :

«Não é a gloria vã de distinguir-me,
«Quem me obriga a encontrar a tantos votos,
«Que por serem conformes talvez sejam
«Ao parecer de muitos verdadeiros.
«A gloria do meu Rei, o amor da Patria
«São dois fortes motivos, que me impellem
«A dizer francamente quanto penso.
«Traisei, sabios illustres, á memoria
«Aquelle tempo em que contentes visteis
«Entrar n'esta Cidade triumphante
«O grande, invicto, o immortal Carvalho,
«As vezes de seu Rei representando,
«D'aquelle sabio Rei, cujo retrato
«Inda agora me anima, e me dá forças,

(*) José Monteiro da Rocha, Lente de Prima em Mathematica,

«Para que em seu favor, em sua gloria
«Derramando o meu sangue exhale a vida.
«Visteis ao gran Marquez, qual sol brilhante
«De escura noite dissipando as trevas,
«A frouxa Estupidez lançar ao longe,
«E erigir á Sciencia novo throno
«Em sabios estatutos estribado.
«Das vossas mesmas boccas retumbárão
«Canticos de louvor n'estas paredes.
«O triumpho cantasteis na presença
«Do zeloso Ministro respeitado.
«Que diff'rente linguagem hoje escuto?
«Como é possivel, que sem pejo, ou honra,
«O contrario digaes do que dissesteis?
«As sublimes sciencias da Natura
«Como podeis tratar com tal desprezo?
«Oh tú, sombra immortal, oh gran Ministro,
«Da face do teu Deus, onde repousas
(A cabeça abanou, deo tres cuadas
Ouvindo esta blasphemia o bom Bastoque)
«Vem um instante apparecer agora
«Aqui n'esta assemblea, e d'estas boccas,
«Que em teu nome entoavão tantos hymnos
«Ao heroico triumpho das sciencias,
«Blasphemias ouvirás...Mas ah! não venhas;

«Nem permittão os ceos que tanto saibas.
«Que dôr a tua, que afflicção não fôra
«Ver sem fructo as vigílias, os trabalhos,
«Que por zelo da Patria padeceste!
«Ver, sobre tudo, ingratos, e falsarios,
«Que affectando apparencias d'alegria,
«No fundo do seu peito idolatravão
«A molle Estupidez, como uma Deosa!
«Se o mesmo, que então éras, hoje fosses,
«Quizera, oh Pai da Patria, que tivessem
«Com a tua presença validade
«As minhas vozes, o meu zelo ardente.
«Ainda reinará, com magoa o digo,
«Na nossa Academia essa tyranna,
«Essa van Divindade; mas pretesto,
«Que nem hoje o approvo, e que inimigo
«Ha-deem mim encontrar, em quanto o sangue
«Seu circulo fizer n'este meu corpo.
«Se algum de vós, illustres companheiros,
«Comigo pensa, sem temor exponha,
«Apezar da torrente, os seus discursos.
«As almas varonis nunca temêrão,
«Ainda á vista dos maiores p'rigos,
«Pela gloria da Patria, e da verdade
«Expor a vida, derramar seu sangue...»

Ao dizer estas vozes se arrazavão
De lagrimas seus olhos, e as palavras
Já presas lhe ficavão na garganta.
Os homens grandes, os varões preclaros
Tambem sabem chorar, quando a ternura,
A bem da humanidade os estimula.
Nos animos Fralescos, e nos Bécas
Contra Tireôo um tal rancôr fervia,
Que vivo o tragañão, se a presença
Do serio Presidente o permittisse.
Disfarçando porém, com riso e mofa,
A dissonante falla receberão.
Acabou-se a funcção, e timorato
Não decide o Reitor, o que se faça.
Era já noite, e nos Collegios ambos
Exquisitos manjares esperavão
Aos rubicundos e nutridos Bécas.
Nos conventos porém cousa mais grossa,
Em que o dente atollasse, preparavão:
Famosas postas de vitella tenra
Sobre as brazas chiavão nos espetos ;
Perús assados, e tremendos quartos
De bom carneiro por mil modos feitos,
Muito vinho, e prezunto, erão as massas,
Com que os seus Refeitorios adubavão.

Em quanto os outros com prazer comião,
E á saude da Deosa grandes copos
De bom vinho enchugavão; pensativo
O timido Reitor escrupuloso
Passeia as salas todas, té que chega
O Patricio a saber se ainda não ceia
Sua Excellencia, que já erão horas.
Responde-lhe, que não, que estava afflicto,
E os motivos lhe conta consultando-o.
«He bom caso, senhor, vossa Excellencia,
«Do que deve fazer ainda duvida?
«Depois de ser d'um voto tanta gente
«Tão sabia, tão distincta? Pouco importa,
«O que diz meia duzia d'esses homens,
«Que apenas são por Lentes conhecidos.
«Coma vossa Excellencia alguma cousa,
«Durma, que tudo em paz ha-de fazer-se.»
Assim o consolou o bom Mordomo.
Sua Excellencia mais quieta fica,
Um pouco come, e no seu brando leito
Vai alivio buscar a seu cuidado.
As Furias, que em Coimbra já se achavão,
Que no Claustro geral tinhão estado,
Do famoso orador pondo na lingua
Palavras, que ao seu caso mais fazião,

Ao sombrio lugar, onde descansa
O languido Morphéo, ligeiras voão.
Nunca alli penetrou a luz da Aurora;
Em perenne repouso dorme tudo.
Sómente os frescos Zephyros brincando
Com suave sussurro as folhas movem;
Murmura ao longe a crystallina fonte,
Escabresas pedrinhas volteando
Sobre viçosa relva recostado,
Entre rubras papoulas, verdes mirtos
Nada pressente o Deos do que se passa.
Então de pressa no soturno bosque,
Já quasi dormittando as flores colhem
Que a molle cabeceira lhe formavão;
Dos somniferos ares se retirão,
E de improviso ao bello quarto chegão,
Aonde ainda perplexo o Presidente
Com os olhos no tecto vigiava.
Mal das flores se espalha o grato cheiro,
Boceja, estende os braços, adormece.
O Fanatismo então, tomando a fórma
D'um pequeno rapaz gordo e risonho,
Junto ao leito volteja em curtos gyros,
E com doces palavras assim falla:
«Não te assustes oh homem venerando,

«Eu não sou cousa má, que te appareça,
«Tuas altas virtudes me encaminhão
«D'esta duvida van a pôr-te fóra.
«Aos Lentes, Doutores, e Estudantes
«Ordena, que á manhan de tarde saião
«A receber em Prestito pomposo
«A nobre Estupidez: faze-lhe as honras,
«Que lhe são por Direito bem devidas.»
Com mais se não cansou o Fanatismo,
Pois sabir com a sua não duvida;
Nem Minerva subtil, e poderosa
Aqui já lhe fazia a menor guerra.
Deixou por uma vez os Portuguezes,
Como gente rebelde e refractaria,
Com a sua ignorancia, e prejuizos
Docemente abraçados. N'isto acorda
O devoto Reitor; e ainda imagina
Que um divino clarão no quarto brilha.
Da cama salta, e a toda a pressa manda
Que venha o Secretario, e os Escreventes.
Hum comprido edital se lavra logo:
Que as ordens da visão, continha todas.
Pelas mesmas palavras, com que a ouvira.
O docto Secretario, que em Aveiro

Alçou já vara branca, o *subscripsi* (*)
Põe no fim do papel, e o Presidente
Por extenso se assigna em letra grande.

(*) O que então era Secretario da Universidade, costumava pôr *subscripsi* em vez de *subscripsi*.

CANTO QUARTO

APENAS o Edital se põe na porta
Da grande sala, que p'ra os Actos serve,
Entre o corpo, que fórma a Academia
Um novo reboiço, um alvoroço
Geralmente se move; não se fião
Na fé dos que referem a noticia:
Desejão com seus olhos ver a nova,
Que tão doce alegria lhes motiva.
Deixão os Estudantes nos bilhares
A partida no meio; e perturbados,

Das capas lanção mão, como succede ;
Mas o dono da casa, que o barato
Não dá por bem parado, clama, e grita :
«Parceirinhos, pagar ; nada me importa
«Que venha a Estupidez, ou que não venha.»
Dão-lhe dois encontrões, por terra o lanção ;
E, a qual primeiro, pelas ruas correm.
Outros no Sette-he-ponto extasiados,
No Wisth, no Marimba, e mais na Banca,
Os dados com as cartas deitão fóra.
Já mais os obrigou a tanto excesso
Nem do lugubre sino o toque infausto,
Que os chama ás Aulas, nem tão pouco a Ama
Com a nojenta vacca ao lume posta
Praguejando a tardança, e quem lh'a causa,
Nem ainda a venal, e immunda Moça,
Que fretada o espera a certas horas.
Tal a cega paixão, o vil apego,
Que estes miseros moços tem aos vícios !
Esta gente revolta, e mal criada,
Tão soberba, e ociosa, que entre tantos,
Apenas se achão quando muito doze,
Que e nome de Estudantes bem mereção.
A lèr o Edital chegão a montes ;
E batendo nas palmas : «Bravo, bravo,

«Oh que ferias agora não teremos!
«Viva a Estupidez!» dizem saltando.
Nos Collegios, Conventos, e nas casas
Os Douteres, os Frades, e Estudantes
Disputão sobre o caso; e mil castellos
À cêrca do futuro levantando
Melhorar de fortuna todos cuidão.
N'estas gratas idéias se recreião,
Até que o sino a grandes vozes brada,
Que venhão todos, que é chegada a hora
Em que o novo Edital cumprir se deve.
Promptamente concorrem, e marchando
Ao rude som de ingratos instrumentos
Vão a Deosa esperar além da Ponte.
Ainda bem ao convento Franciscano
O Prestito não chega, eis de repente
Uma nuvem brilhante vem ao longe,
De luzentes estrellas esmaltada;
No meio um throno ricamente feito;
A molle Estupidez sentada n'elle.
Entre tanto apparato lá disfarça
A sua horrenda, e natural figura:
É tudo traça das astutas Furias.
Mansos ventos curvados encaminhão
A majestosa pompa: em terra postos

Os soberbos joelhos, com as palmas
Para o Ceo levantadas, se assombravão
De ver baixar com tanta majestade
A Deosa tutellar da sua Athenas.
Brandamente ondeando a nuvem pára
Aonde c'o Reitor os Lentes Chefes
Com o queixo cahido presenceião
Tão grande maravilha nunca vista.
Tem de recato um sumptuoso pallio,
Com que a Deosa recebem reverentes,
Cousa mais espantosa: de improviso
O caminho, que trouxe, a nuvem segue;
A frouxa Divindade por tres vezes
Com alegre semblante a todos lança
Uma benção papal, como a bons filhos.
Os donatos repicão á contenda,
As descaradas moças dos conventos
E pelas Freguezias vis garotos;
Ninguem se entende com tamanha bulha.
As janellas acode, acode ás ruas
De toda a qualidade immenso povo.
Entretanto com passo vagareso
Duas compridas alas se encaminhão
Ao antigo Mosteiro, que disfrutão
Os Reverendos Cruzios satisfeitos

De hospedar esta noite a Protectora
Da sua sancta casa. Á portaria
Com alegres festins é recebida.
De noite em toda a parte as luminarias
Fazem emulação á luz do dia.
Em funcção de barriga, e de badalo
Fazem os Frades consistir a festa.
Mas o Pio Reitor, que obediente
Ao milagroso sonho ser deseja,
De novo ordena, que se apromptem todos,
Que na manhã seguinte bem montados
Irião conduzir á Academia
A Regia fistupidez sua senhora.
Assinalla tambem os oradores
Que havião celebrar tão grande feito.
O valido Mordomo, que algum dia
De mexilla exerceo o nobre emprego
Toma a seu cargo o apprestar as bestas.
Ainda descansava a rexa Aurora
Nos braços de Amphitrite, e os vis lacaios
As portas dos Doutores despedação
Á fortes golpes de calhaos tremendos.
Abrem a seu pezar os frouxos olhos
Estas almas ditosas, engolladas
Em mil suaves, e felices sonhos;

Mas não vendo luzir o sol nas frestas
Querem o somno agasalhar de novo.
De balde o querem, que os valentes moços
Cada vez as pancadas mais duplicação.
Tal ha, que a mil diabos encommenda
Os lacaios e a quem lh'os manda á porta,
Por ver o seu descanso interrompido,
O seu somno de doze boas horas.
Mas em fim, o motivo é forte, e justo,
E para apparecer á Divindade
É preciso o cabello bem composto,
A batina escovada, a volta limpa;
Cousas, em que despendem longo tempo.
Cada qual asseado, o mais que pode,
Vai buscar o Reitor, e em companhia
De uma rica berlinda a seis tirada
No pateo de Samsão se ajuntão todos.
Os soberbos capellos alli tomão;
Branços, verdes, vermelhos, amarellos,
Azul ferrete, ou claro; o mesmo as borlas;
Por humildade os Frades só barrête.
Em duas grandes alas repartidos
Os harrigudos, e vermelhos Monges
Acompanhão saudosos esta grata,
E d'elles sempre amada Padroeira.

Reverentes a mão todos lhe beijão,
E a todos vai lançando a santa benção.
Chega em fim ao Prior, elle prostrado,
«Oh Deosa (assim lhe diz) ampara, e zela
«A estes filhos, que te adorão tanto.
«Por ti d'este socego é que gozamos.
«Esta forte saude, esta alegria
«Desfrutamos por tua alta bondade.
«Seria para nós ditosa sorte,
«Se fizesses aqui tua morada;
«Mas já que somos n'isso desgraçados,
«Benigno influxo sobre nós derrama,
«Que a nossa gratidão será constante.»
Abraça-o ternamente a Divindade;
Diz-lhe, que se console, que ella sempre
Nos seus olhos trazia a tão bons filhos.
A nobre comitiva dos Doutores
Entre os braços a toma, a qual primeiro,
E quasi ao celo na berlinda a mette.
Logo montados pela ruas tomão,
Que de mais povo são sempre assistidas.
Uns de encarnado vão todos cobertos,
Altivos, soberbões consigo assentão,
Que não ha ne universo outras figuras
De mais contemplação, de mais respeito;

O vermelho durante ás bestas serve
De compridas gualdrapas; outros picão
O fegoso cavallo, quando passão
Pela porta de tal, ou tal senhora.
De preto muitos vão: porém os Frades
Vestem ao mesmo tempo muitas côres,
Branco com preto, azul com encarnado:
Se tu, oh gran Fidalgo de la Mancha
Famoso Dom Quichote, esta aventura
Nos teus andantes dias encontrasses,
A sem-par Dulcinéa, quantos d'estes
A render vassallagem mandarias!
Tu que não perdoaste aos pobres Padres
Conduzindo a cavallo, por ser longe,
Entre archotes, e velas um defunto,
Que os fizestes voar de susto e medo
Pelos campos e montes, que farias
A esta encamisada de Doutores?
Por gente feiticeira, e endiabrada,
Por máos encantadores os terias:
Como taes o furor do Rossinante,
Do elmo de Mambrino as influencias,
E o pesado lançaõ exp'rimentárão.
Musa, renova no teu vate o fogo
Que já fizeste arder na sabia mente,

Não digo de Despréaux, d'aquelle activo,
E discreto Diniz na Hyssopaida ;
Renova, em quanto acabo, que a perguiça
Da molle Estupidez já me acommette ;
Já começo a sentir os seus effeitos.
Mas ah ! que um estro de repente agita
A minha phantasia. Eu vejo, eu vejo,
Da nossa Academia ao grande pateo
Chegar contente a numerosa tropa.
Em triumpho é levada a Deosa Augusta
A um soberbo, e magestoso throno:
Gemem debaixo d'elle afferrollhados
A Sciencia, a Razão, o Desabuso.
Põem-se em socego os assistentes todos ;
Levanta-se o Bustoque, e de joelhos
À Deosa pede uma comprida venia:
Em barbaro latim começa ufano
A tecer friamente um elogio
À sua Protectora ; e n'elle mostra,
O quanto é indecente, que nas Aulas
Em Portuguez se falle, profanando
A sacra Theologia e as mais sciencias :
Que em forma syllogistica se devem
Os argumentos pôr : sem syllogismo,
Não sabe como possa haver verdade.

N'isto mais d'hora gasta, e em fim conclue
Animando a que sejam sempre firmes
Na fé, que devem a tão alta Deosa.
Levanta-se depois o gran Pedroso
Que de Prima a Cadeira em Leis occupa.
Com a Beca estendida, a mão no peito
Prostra-se em terra, a sua venia pede
Á molle Estupidez, que muito folga
De ver um filho seu com tal presença,
Tão cheio de si mesmo, tão inchado.
Principia a fallar com voz de estallo;
Com a esquerda acciona, e co'a direita,
Que estende as mais das vezes sobre o peito,
Súa em mostrar a van Genealogia
Da nobre Deosa, a quem louvar pertende.
A sua antiguidade patentêa,
Faz depois elogios nunca ouvidos
Ao Direito Romano, e no remate
Concorda em tudo com o seu Collega.
Vem depois o Reitor, jura por todos
Submissa obediencia, e lealdade.
Da molle Estupidez põe na cabeça
Uma importante c'roa cravejada
De finissimas pedras do Oriente.
As mãos lhe beija logo reverente,

E manda a todos, que outro tanto fação.
Os oradores vem: off'rece um d'elles
A discreta oração *de sapientia*,
Que foi causa de ser tão cedo Lente.
O outro o mesmo faz da sua Analyse
Do parto septimestre, cousa prima.
Um bando de rhetoricos rançosos
Depois acode; um d'elles assim falla
(Parece, que Bezerra se appellida):
«Soberana senhora, a vossas plantas
«Tendes rendida por vontade, e gosto,
«A porção principal do vosso Reino.
«As portas das sciencias nós guardamos:
«Porque sendo as palavras distinctivo
«Que dos brutos sêpara a especie humana,
«Eu creio que só n'ellas deve o homem
«Da vida despender os curtos dias.
«A mocidade pois assim levamos
«N'esta bella sciencia industriada.
«Quando a mesma palavra se repete
«Ou duas, ou tres vezes, lhe ensinamos
«O nome, que isto tem: quantas apostrophes
«Pode o exórdio levar, sem ser notado.
«N'estas cousas, e n'outras semelhantes
«De sorte os engolfamos; que suprezo

«Fica o gosto, se o tem, ás vans sciencias,
«Que servem de cansar o esp'rito humano.»
—«Oh bom filho, insisti n'esse systema,
«Que por ser verdadeiro mais me agrada.»
Abraçando-o lhe diz a Divindade.
Vem atraz um varão muito asseado,
Um livro traz na mão mui douradinho :
«Oh Deosa singular! a quem respeito,
«Esquecido da minha Fidalguia,
«Este Poema fiz, que Joanneida
«Por nome tem ; humilde vol-o off'reço,
«Dignai-vos aceitar a minha offerta.»
—«Oh meu Morgado! quanto sou contente
«Da tua offerta, vel-o-has com o tempo ;
«Aqui ao pé de mim quero te assentes.
«Para mostrar o quanto te venero.»
Assenta-o junto a si a Divindade.
Dos Estudantes vem a turba immensa ;
Um lhe offerece uma flôr, outro um bichinho
Um ninho de pardal, um gafanhoto,
Da Historia Natural suados fructos.
Outro vem todo afflicto mil queixumes
Formando contra um tal, que lhe usurpára
A gloria de fazer já sette machinas,
Que subirão ao ar com bom successo.

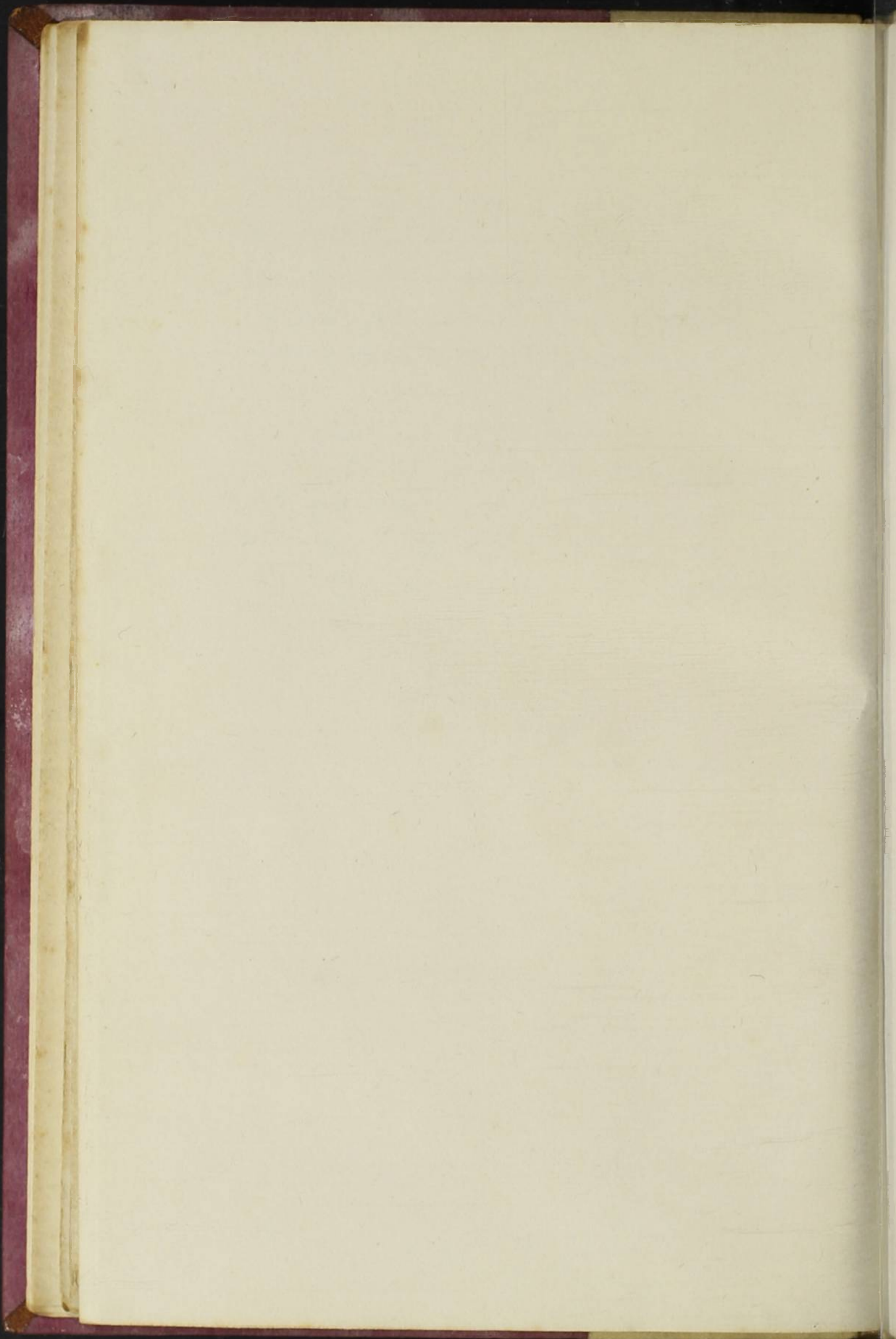
«Filhos amados, lhe replica a Deosa,
«Esse vosso cuidado me consola ;
«Esse desvelo de ajuntar cousinhas
«Tão lindas, tão bonitas, bem recrêa
«Uma alma como a vossa tão sensível.
«Proseguí n'esse estudo, eu vos prometto
«A minha protecção em toda a vida.»
Ao queixoso assim diz : «Sinto deveras
«Que tenhas essa causa de tristeza ;
«Mas olha um bom remedio : outras de novo
«Faze, que lá irei mesmo em pessoa
«Assistir a fazer justiça inteira.»

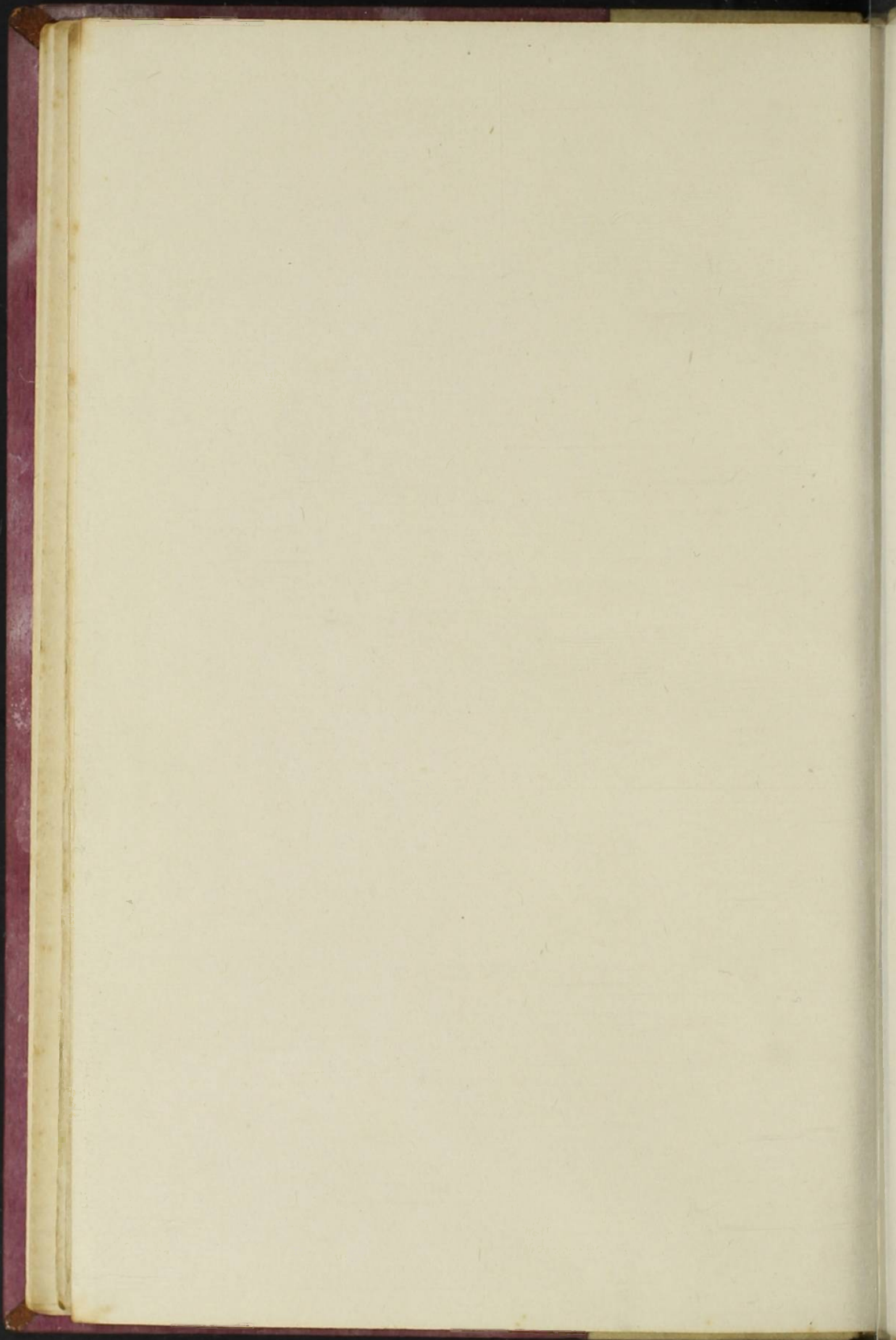
Os Doutores vem logo por seu turno
Vassallagem render, e vão passando.
A molle Estupidez brinca entretanto
Com os lindos anneis do bom Morgado,
Que afflicto não quizera ter tal honra,
Receando, que alli se descobrisse,
Que cabello não é, mas que lhe cobre
A luzidia calva, cabelleira :
Por que em menos não préza o ser bonito,
Do que Fidalgo ser, e ser Poeta.
Seguem-se finalmente os Lentes todos,
Que são alegremente recebidos.
Mas chegando o Trigozo, fica a Deosa

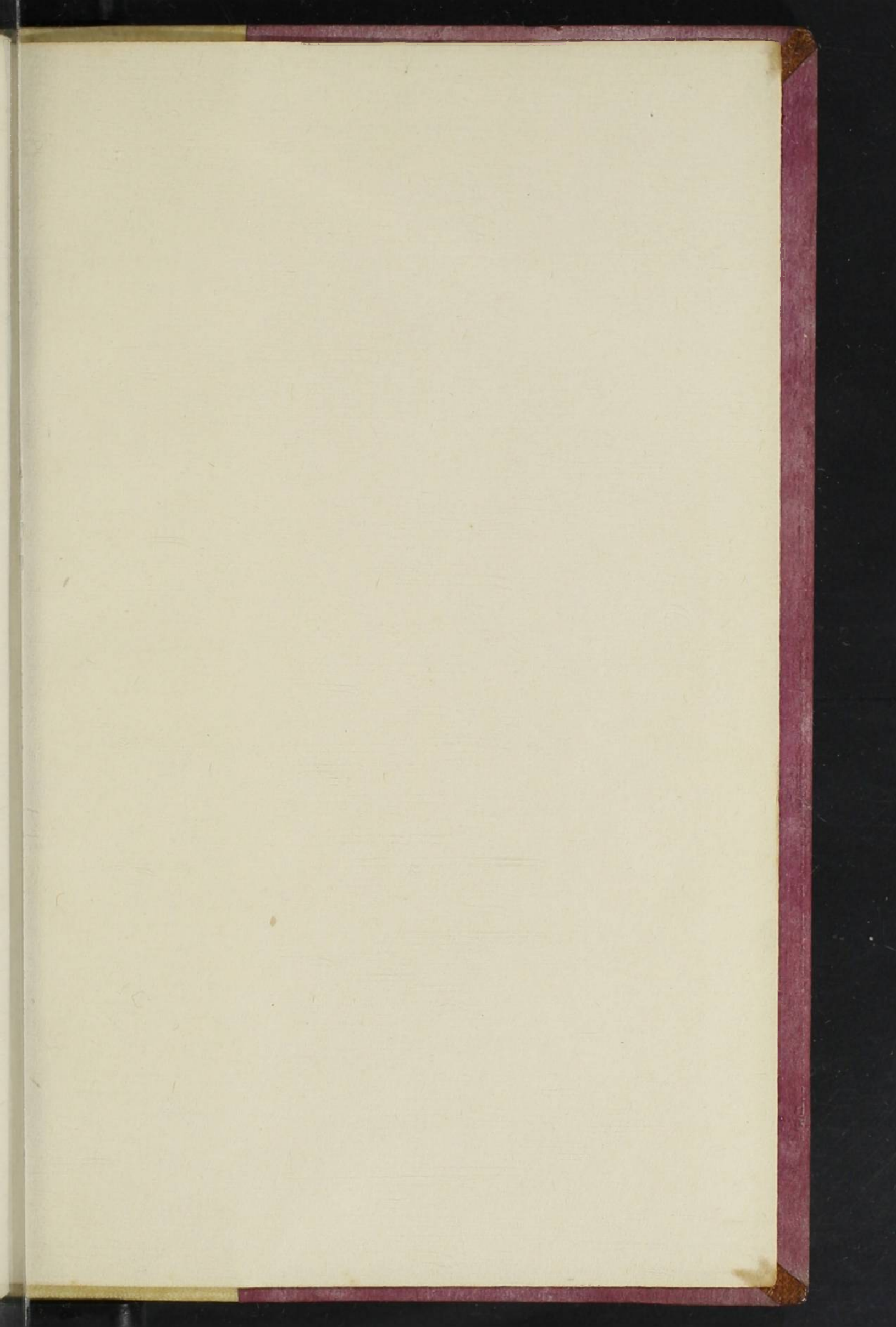
•

Assombrada de ver tal catadura
Não menos carregada que a de um touro,
Que sopra, e para traz a terra lança,
Quando para investir se ensaia irado.
Com immensa alegria rematada
A geral confissão de vassallagem:
«Em paz gozai (a Deosa assim profere,)
«Da minha protecção, do meu amparo.
«Eu gostosa vos lanço a minha benção ;
«Continuai, como sois, a ser bons filhos,
«Que a mesma, que hoje sou, hei de ser sempre !

FIM







19227

